

# BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.  
PROPRIETARIA — A empresa do *Brasil-Portugal*  
EDITOR — Manuel Pedro da Silva.  
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.  
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Anuário Commercial.

16 DE MAIO DE 1911

N.º 296

## O IV Congresso Internacional de Turismo



Os congressistas em Cintra, no castello da Pena

(Phot. de J. Benoit)

## A quinze dias de vista...

### Letras que não obrigam a protesto

O 4.º Congresso Internacional de Turismo. — Lisboa em festa. — A festa das flores nas ruas da Baixa. — A sessão inaugural do Congresso. — A recepção em Belem. — O baile da Camara. — Festas diversas e manifestações populares. — Excursões a Evora, Cintra, Cascaes e Estoril. — Partida para Lourenço Marques da guarda civica. — Madame Camello Lampreia. — O tempo.

**T**ERVE um exito brilhantissimo o 4.º Congresso Internacional de Turismo realisado em Lisboa. Elle foi, sem duvida, o maior dos serviços, dos muitos serviços que ao paiz tem prestado a benemerita Sociedade de Propaganda de Portugal, que ha annos vem luctando, atravez de todas as invejas mesquinhas e da estupidez de muitos, pelo engrandecimento d'esta

extraordinariamente a cidade durante dias, mormente no primeiro, em que se realisou um dos mais bellos numeros das festas; a exposição de flores nas montras dos principaes estabelecimentos da Baixa, que revestiu um extraordinario brilhantismo e provocou a admiração de nacionaes e estrangeiros. Essa festa teve o condão de chamar ás ruas da Baixa Lisboa em peso, que passou deante das montras ornamentadas com uma galanteria que honra os proprietarios das casas commerciaes, levantando o abatidissimo prestigio do bom gosto lisboeta, que andava de rastos.

O espectáculo que offereceram a Rua do Ouro e Rocio á passagem official do cortejo que se dirigia á Sociedade de Geographia, para a abertura do Congresso, foi verdadeiramente involvidavel. Das janellas, engalanadas com flores, como algumas portas e muitas *vitrines*, as senhoras lançavam uma verdadeira chuva de petalas sobre a multidão que enchia litteralmente a via publica. Foi um delirio, um momento verdadeiramente tocante.

Não menos imponente a sessão inaugural do Congresso na sala *Portugal* da Sociedade de Geographia, que estava litteralmente,

## Sociedade elegante



Madame Camello Lampreia, embarcando para o Rio de Janeiro

(Phot. de J. Benoitel)

terra aos olhos de estranhos e pelo seu progresso moral e material em todos os ramos. Seria ingratição não começar por este devido preito o relato das festa do 4.º Congresso Internacional de Turismo que, diga-se desde já, se não revestiram um brilhantismo excepcional, foram no entanto de molde a satisfazer os nossos hospedes e a deixar-nos bem collocados aos nossos proprios olhos.

O Congresso foi inaugurado no dia 12 com desusada animação. Cerca de oitocentos estrangeiros vieram a Lisboa tomar parte nas sessões, que correram animadas e muito interessantes, tendo sido versadas theses da maior importancia e com o preciso desenvolvimento.

Estrangeiros de todas as procedencias mesclando uma multidão enorme, acrescida com a gente vinda das provincias, animaram

apinhada, tendo usado da palavra em primeiro lugar o presidente da Sociedade e ministro dos estrangeiros sr. dr. Bernardino Machado, que produziu um caloroso discurso de saudação, seguindo-se-lhe o sr. Anselmo Braamecamp Freire, presidente da Camara Municipal de Lisboa, o sr. Lorieux, representante da França, D. Luiz Morales, delegado hespanhol, Paul Fega, representante da municipalidade de Toulouse.

Na tarde d'esse mesmo dia realisou-se no palacio de Belem a recepção dos Congressistas pelo ministerio dos estrangeiros, estando, além do ministro da pasta, o chefe do governo, Dr. Theophilo Braga, que durante duas horas trocou impressões com os nossos hospedes, sendo depois servido um finissimo copo d'agua.

As illuminações nos principaes arruamentos da Baixa, n'essa

# Partida do novo corpo da Guarda Civica para Lourenço Marques



A bordo do «Africa» — Os soldados despedindo-se

noite, mormente na ornamentada rua do Ouro, foram muito brilhantes, tendo chamado uma concorrência enorme.

O magestoso edificio da Camara Municipal enfeitou-se de todas as galas para receber na noite de 13 os Congressistas.

Seguiu-se o baile que decorreu animadissimo e só foi interrompido quando os primeiros vivas annunciaram a chegada da manifestação que o povo de Lisboa foi fazer aos congressistas.

Muitas outras festas se realisaram em honra dos nossos hospedes,



Soldado da Guarda Civica que partiu para Lourenço Marques



Soldado da Guarda Civica que partiu para Lourenço Marques

A dentro do edificio a ornamentação foi ainda a continuação d'essa orgia de flores e plantas com que Lisboa quiz e conseguiu, deslumbrar os seus hospedes.

O elemento feminino não escasseou, exhibindo toilettes riquissimas e de muito bom gosto.

A festa começou por um brilhante concerto em que tomaram parte, como cantantes, madame Cesaria Lyra, m.<sup>lle</sup> Alice Lopes e madame Manteli, tocando ao piano Vianna da Motta. Todos foram delirantemente applaudidos.

avultando as excursões a Evora, Cintra, Cascaes e Estoris, que deixaram as mais gratas impressões nos congressistas.

No dia 1.<sup>o</sup> seguiu no vapor *Africa*, para Lourenço Marques, a guarda civica destinada áquella cidade.

Compareceram no caes do embarque o ministro da marinha,

# O IV Congresso Internacional de Turismo

A COMMISSÃO ORGANISADORA DO CONGRESSO



**Cupertino Ribeiro**  
*Vice-presidente*



**A. Vasconcellos Correia**  
*Vice-presidente*



**Ventura Terra**  
*Vice-presidente*

com o seu ajudante e chefe do gabinete, e alguns funcionarios superiores da direcção geral das colonias, que dirigiram o embarque.

Houve as costumadas manifestações tanto á chegada da guarda cívica ao caes, como no momento da largada.

festas em honra dos congressistas, como a tourada nocturna á antiga portuguesa, que se não chegou a realizar na primeira data para que foi fixada, mas sim na quinta feira seguinte.

E não parece que este estado de coisas se modifique tão cedo.

CAMARA LIMA.

Partiu, n'um dos primeiros dias do mez, para o Rio de Janeiro, onde foi encontra-se com o seu illustre marido, o sr. conselheiro Camello Lampreia, a ex.<sup>ma</sup> senhora D. Amelia Camello Lampreia, que teve uma despedida affectuosissima por parte de numerosissimas pessoas das suas relações.

Ao bota-fora de s. ex.<sup>a</sup> compareceram pessoas das mais gradas, da maior distincção, da melhor sociedade, tendo a sr.<sup>a</sup> D. Amelia Lampreia occasião de verificar, mais uma vez, quanto são apreciados os seus preredignos dotes e a alta consideração e estima que geralmente é consagrada ao antigo diplomata seu marido.

O tempo, muito variavel, tem-se feito sentir muito desagradavelmente. A *grippe* assentou



**Dr. Bernardino Machado**  
*Presidente da comissão organizadora do congresso*

## Os dois espelhos

Ante o crystal d'um espelho  
Aos quarenta annos me vi,  
e achando-me feio e velho  
de raiva o espelho parti.

Da alma na transparencia  
Meu rosto depois mirei,  
e tal me vi na consciencia  
que o coração me rasguei.

E' que em perdendo o mortal  
a fé, juventude, amor,  
se se olha ao espelho — mal,  
se na alma se vê — peor.

CAMPOAMOR.



**Manuel Roldan**  
*Secretario*



**Raul Fabri**  
*Secretario*



**José Lino Junior**  
*Secretario*

arraiaes em Lisboa e não tem feito, infelizmente, pequeno numero de victimas. Ha familias inteiras doentes, acamando.

A variabilidade do tempo prejudicou bastante algumas das

Um amigo encontra um medico recentemente diplomado:  
— O' meu caro! Então foste feliz com o teu primeiro doente?  
— Felicissimo! A viuva foi de uma generosidade principesca!

# O IV Congresso Internacional de Turismo

A COMISSÃO ORGANISADORA DO CONGRESSO



Luiz Fernandes  
Vogal



M. F. Ferreira Madail  
Thesoureiro



Dr. Alfredo da Cunha  
Vogal

## Conhecer as mulheres pelo andar

Um jornal hespanhol aprecia assim a mulher pelo andar:

A mulher que bate com os tacões, deitando a casa abaixo, tem um genio a que nem o demonio resiste; é dengosa, fastidiosa e precipitada.

A que anda nos bicos dos pés, é zelosa, curiosa, viva, impressionavel e algumas vezes impertinente.

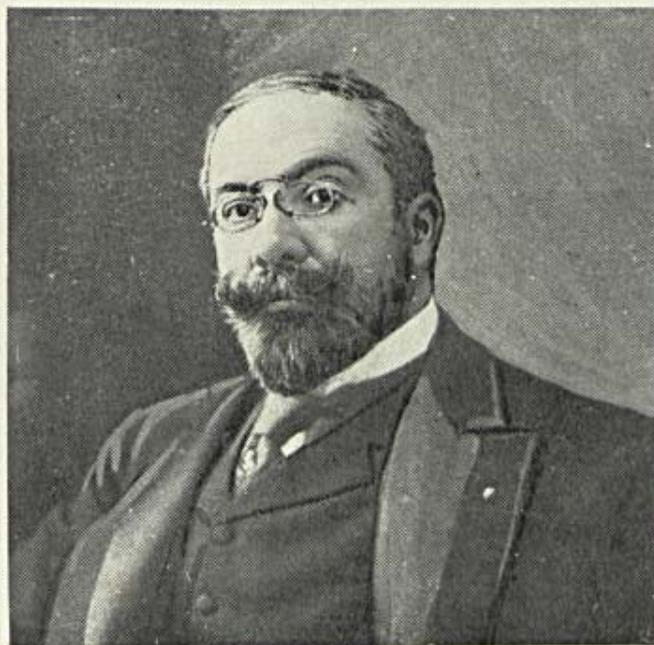
A que assenta a planta do pé, é descansada, alegre, rissonha e de bom caracter.

A que mette a ponta do pé para dentro, é maliciosa, pouco animada e pouco sincera.

A que o deita para fóra, saracoteando-se com desenfado, é capaz de comer uma vitella e negar até que o sol dá luz.

A que anda de peito sahido e apertada de cintura, é dominante, presumida e não se impressiona com coisa alguma.

A que anda de cabeça cahida, olhando para o chão, está disposta sempre a enganar o pae, a mãe e até os irmãos.



Manuel Emygdio da Silva  
Secretario geral

destia nem ao menos pelo avêso.

A que pela rua vae mirando a cauda do vestido, os pés, as mangas, os hombros e a ponta do nariz, entortando a vista, é presumida e não serve para nada.

A que anda simplesmente, e só olha quando é necessario, sem fixar demasiadamente, e que não anda depressa nem de vagar, nem direita nem curvada, nem leva no vestuario muitos enfeites, nem dá gargalhadas na rua, nem vae tão séria que assuste, nem tão alegre que faça rir, é modesta, docil, complacente, dedicada, pundonorosa e honesta. Finalmente, é uma mulher ás direitas.

## BUSILIS

Esta palavra significa o ponto em que está a dificuldade; costuma-se dizer — *ahi é que está o busilis*. Deu ori-

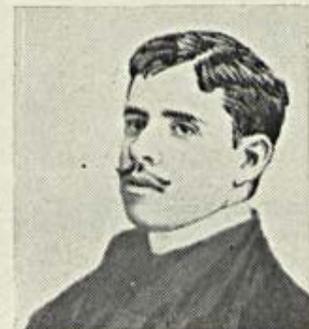
gem a isto um estudante de latim que estando ao exame achou as palavras *in diebus illis*, estando no fim da linha *in die* e no começo



Rodrigo Peixoto  
Vogal



Conrad Wissman  
Vogal



Dr. Fernando Emygdio da Silva  
Vogal

A que se apresenta de cabeça levantada e empertigada para traz, tem a massa encephalica cheia de poeira e o coração cheio de estopa.  
A que se balanceia, para um e outro lado, não conhece a mo-

de outra *bus illis*. O estudante traduziu *in die* (no dia) e parou no *bus illis*, a que não sabia dar sentido, e achando dificuldade ao tal *bus illis* teve tambem a dificuldade da sua approvação.

## As relações economicas da França e de Portugal

Desde a sua elevação ao poder, os homens politicos do novo governo de Lisboa, se tem preocupado, principalmente, de examinar as vias e os meios convenientes de favorecer o desenvolvimento do commercio nacional, nas suas relações com os outros paises, e particularmente com a França.

As provincias portuguezas africanas, visinhas excellentes das colonias francesas, tem attingido nestes ultimos annos um certo gráu de prosperidade, que justifica plenamente este attrahimento de novos capitaes para o aperfeiçoamento das suas machinas e da mão de obra, com o fim de uma exploração mais racional das suas riquezas naturaes, mineiras e agricolas. A propria metropole vê progredir e prosperar as suas relações com o Brasil e com a

chado, ministro portuguez dos negocios estrangeiros, e pelo sr. Saint René Taillandier, ministro da França em Lisboa, elle facilitará e augmentará as nossas permutações com Portugal que attingiam apenas 34 milhões em 1906.

Por outro lado, o algarismo das nossas aquisições em Portugal que se elevava proxivamente a 9 milhões em 1907, vae seguir uma progressão tanto mais accentuada, por a França conceder a sua tarifa minima aos generos coloniaes e aos vinhos portuguezes.

Sabe-se que estes constituem uma das grandes produções agricolas, uma das mais ricas, com os seus vinhos de luxo da Madeira e do Porto que a recente lei franceza protegerá mais efficaçmente, contra as fraudes, no mercado francez.

Esta riqueza agricola nacional, comprehendendo as duas celebres colheitas que adquiriram uma brilhante reputação mundial, á qual é muito sensivel o nobre orgulho portuguez, deu logar, ha quasi trinta annos, a um inquerito vinicola, no estrangeiro, feito

## O IV Congresso Internacional de Turismo



Os congressistas sahindo da Camara Municipal de Lisboa

(Phot. de A. C. Lima)

America latina. Mas as relações franco-portuguezas, por falta de um tratado ou de uma convenção — não obstante ter Portugal já assignado com Allemanha o tratado de 30 de novembro de 1908 — soffriam a repercussão dos effeitos desastrosos da unica tarifa alfandegaria portugueza que, desde 1892, tinha collocado Portugal n'uma especie de isolamento para com a maior parte dos estados europeos.

Restabelecendo duas tarifas, graças á lei de 25 de setembro de 1908, o governo de Lisboa estava em caminho de proseguir utilmente as negociações engajadas com a França.

Estas negociações terminaram finalmente depois de um periodo de tres annos, durante o qual o sr. Henrique Taveira, digno presidente da Associação Industrial Portugueza desenvolveu pacientemente os mais tenases esforços no interesse commum dos dois paises.

Posto em vigor e applicado desde já, — emquanto não é assignado o competente tratado de commercio — o arranjo commercial, concluido em 16 de fevereiro ultimo pelo sr. Bernardino Ma-

por insinuação do celebre homem d'Estado e economista portuguez Antonio Augusto de Aguiar e do barão de Roussado. Ordenado officialmente a todos os membros do corpo consular portuguez no mundo inteiro, este inquerito foi seguido em França, sob a authoridade do eminente e distincto consul geral de Portugal em Paris, o sr. Visconde de Faria (Augusto), que na sua estreia na carreira consular, no Brasil, em 1858, contribuiu para a abertura da importação dos vinhos portuguezes no mercado brasileiro.

Os relatorios consulares d'este importante inquerito vinicola foram publicados em 1886, 1887 e 1888 na *Gazeta de Portugal*, de Lisboa. N'elles se trata dos vinhos portuguezes, e particularmente dos vinhos de luxo, no mercado francez, n'uma epocha em que a insufficiencia da produção franceza e a facilidade das tarifas «de penetração» asseguravam vendas faceis á exportação portugueza.

Um d'estes relatorios foi redigido pelo illustre vice-consul de Portugal em Rouen, sr. Henrique Turpin, uma das notabilidades mais conhecidas do corpo consular de Portugal no estrangeiro.

Este relatório despertou effectivamente a attenção dos especialistas e dos economistas dedicados á solução dos graves problemas, da qual devia depender o augmento das transacções entre as duas nações.

A authority do seu signatario, e as suas respostas ao questionario official, deram um character particular a esse relatório que nas suas indicações concisas e claras apresentava bases excellentes e conselhos preciosos para a exportação vinicola portuguesa. Com effecto, pela sua situação commercial, pela sua experien-

é utilmente consultado no estrangeiro, por causa do espirito liberal e economico que n'elle se manifesta, por todos aquelles que, legisladores ou especialistas, se interessam pelo estudo d'estas multiplas questões relativas ás bebidas, tão interessantes para o progresso commercial de um país, apesar das disposições impostas por uma *tiranía fiscal*, em procura de novos recursos, e ás vezes excessivamente enredadora.

Fervoroso republicano e partidario das leis sociaes que não sejam leis de servidão, dedicado ás obras de mutualidade e de so-



**O Congresso Internacional de Turismo**

*Na Sociedade de Geographia — A sessão inaugural do congresso*

cia amadurecida por uma longa pratica de negocios, pela sua competencia profissional nas questões respectivas á legislação sobre bebidas (alcools e vinhos), o sr. Henrique Turpin contribuiu então eficazmente para o inquerito vinicola de Portugal, que, no fim de quatro annos, apresentava na Exposição universal de 1889 uma bella secção vinicola, organizada pela Comissão Nacional, á testa da qual foi collocado o Visconde de Melicio, director do grande jornal diario de Lisboa, *O Commercio de Portugal*.

Ajuntemos que o distincto agente consular representa Portugal em Rouen, ha trinta annos, sendo o decano dos membros francezes do corpo consular commercial acreditado em França pela nação amiga das margens do Tejo, e foi mantido n'este posto de honra pelo novo governo da Republica Portuguesa.

Notavel commerciante importador e exportador, chefe de uma antiquissima casa da Normandia, a casa Lafond Irmãos de Rouen, fundada em 1805, presidente honorario do Syndicato Nacional do Commercio em grosso dos vinhos, das bebidas fermentadas e licorosas da França, o sr. Turpin tem-se consagrado, ha mais de 25 annos, aos trabalhos syndicaes, tendentes a desenvolver a solidariedade profissional e os meios da sua defesa, fazendo conhecer não só as multiplas obrigações administrativas que lhe incumbem, como os seus direitos (prologo da sua obra publicada em 1908). Deve-se-lhe muitos trabalhos e estudos com respeito a legislação sobre bebidas: *Tratado dos direitos e obrigações do commercio dos liquidos, em materia de contribuições indirectas* (1 vol. 1902); *o Distillador em sua casa*; *o Regime das patentes*; *a Regie e o Commercio das bebidas* (1 vol. de 900 pag., setembro 1908). Um anno depois do apparecimento d'este ultimo livro, o sr. Henrique Turpin fez em Paris na sala da Sociedade de Geographia, em outubro de 1909, uma muito interessante conferencia sobre a legislação das bebidas, em presença de um auditorio composto principalmente dos membros do parlamento e de economistas.

O volume tecnico, devido ao sr. Henrique Turpin

lidariedade democratica, o sr. Turpin é presidente do Conselho de Administração da Mutualidade geral de Rouen, membro da comissão franceza das exposições no estrangeiro, da qual é presidente o senador Emilio Dupont.

Elle foi presidente do grupo 10 (alimentação franceza) nas exposições internacionaes de Liège em 1905, de Londres em 1908, da exposição universal de Bruxellas em 1910, e membro do jury superior das de S. Luiz em 1904, de Milão em 1906 e de Bordeus em 1907, etc.

Um passado honroso e altos serviços publicos, aos quaes foi



**O IV Congresso Internacional de Turismo**

*A festa das flores — Aspecto da rua do Ouro*

(Phot. de A. C. Lima)

prestada a justiça tão legitimamente merecida, valeram ao sr. Henrique Turpin as distincções mais elevadas, como o officialato da Legião de Honra em 1907, da qual era cavalleiro desde 1897, o officialato de Merito Agricola em 1909, commendador da Ordem

vivendi commercial franco-portugues, é-nos agradável recordar que o sympathico representante consular de Portugal na capital da Normandia, é do pequeno numero d'aquelles que, no exercicio da sua larga carreira, tem sinceramente testemunhado a sua de-



**O IV Congresso Internacional de Turismo**

*A parada agricola que se realisou em Villa Franca em honra dos congressistas. — Um grupo de campinos*

de Christo de Portugal em 1892, cavalleiro de Carlos III de Hespanha, em remuneração de ter desempenhado em Rouen as funcções de vice-consul de Hespanha, official da Ordem de Leopoldo da Belgica e da Ordem Americana de Libertador, etc. Con-

dicação e o seu desinteresse na obra da approximação economica das duas nações irmãs e amigas, approximação que produziu o recente accordo de que se felicitava o sr. Bernardino Machado, ministro dos negocios estrangeiros da Republica, porque corres-



**O IV Congresso Internacional de Turismo**

*A parada agricola que se realisou em Villa Franca em honra dos congressistas. — O carro dos lavradores regionaes*

*(Phot. de A. C. Lima)*

selheiro do Commercio exterior, antigo vice-presidente da Camara do Commercio, o sr. Turpin é o decano dos administradores da succursal em Rouen do Banco da França.

Na presente occasião em que acaba de ser assignado o modus-

ponde completamente, dizia elle, aos sentimentos da amisade que Portugal sente pela França.

Paris, 18 fevereiro 1911.

MARC GAUDOS.

## FIGURAS ANTIGAS

II

**Q**UANDO a noite apagou o ultimo clarão baço que uma nuvem alta, ainda tocada de sol, reflectia na cumiada da serra, o reitor aceitou o colmeiro de palha que o João Marques lhe estendera na concavidade de um rochedo, despedindo-se até á madrugada seguinte.

Antes de nascer o sol, ainda com os valles mergulhados no escuro, foi acorda-lo com uns «bons dias» joviaes.

Sentaram-se á bocca da lapa a falar da vida, dos trabalhos, de miserias e lucros.

O padre Januario affirmava-lhe que aquella vida errante na serra a guardar gado por conta alheia, sujeito a morrer ao abandono, dava ganhos tam fracos, que um assalto de lobos ou uma nevada mais forte destruia, n'um dia, o trabalho de um anno. E,

O pastor deu, então, pelo esquecimento :

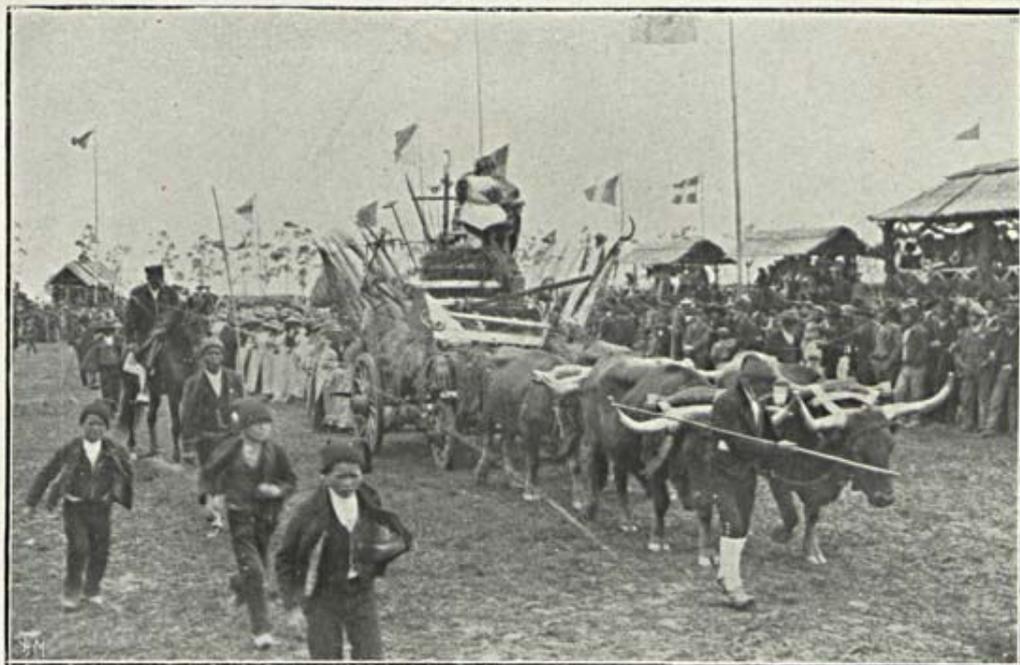
— Queira perdoar, senhor reitor, mas lá diz o ditado : «tirante as almas somos como os animaes».

E com o cão na frente, a latir de alegria, dirigiram-se á choça onde o Agostinho estava migando fatias de ceiteio no leite fumegante, contido na celha forrada de lata.

Foi este o ultimo anno que o João Marques passou na serra. As palavras do reitor, os pedidos da mulher e a terrivel lembrança da colica puxaram-no para o valle, onde, em poucos annos, ajuntou dinheiro para augmentar uma tapada que dava pão e batatas para a familia. Para tudo correr bem, só faltava o Agostinho ficar livre nas sortes e casar com a Maria Florinda, que era, na povoação, a rapariga mais saudável e bella, com uma legitima bem coibida por muitos morgados do sitio.

— Pois mulher — segredava o João Marques — se vejo o rapaz casado com a filha da Florencia, até morro de satisfeito...

E era bem merecido e sincero este desejo, porque a Maria



O IV Congresso Internacional de Turismo

A parada agricola que se realisou em Villa Franca em honra dos congressistas. — O carro das alfaias

depois, onde se via um pastor remediado? Fôsse elle ver os rapazes do seu tempo que cultivavam os valles, a comprar fazenda, as tulhas sempre fartas, a abarrotar de pão e batata. Com a mulher trabalhadeira, o filho e os bocados que tinham, era até para juntar casa.

— Então... a gente cria amor a esta vida... murmurou o pastor n'uma voz onde havia miseria e saudade, olhando vagamente a serra.

O sol, rompendo as primeiras claridades, illuminando os pastos, despertou, no bardo, balidos famintos das creações novas.

— Vá lá agora apartar-me e desfazer-me dos borregos!... Quantas vezes eu já disse á minha : «pró anno deixo esta vida»; mas ainda bem não estão creados uns, já vêem outros a nascer... E isto de borregos, senhor reitor, sam como as creanças: não havendo quem saiba estima-los...

Interrompeu-se melancolicamente a acariciar, entre os olhos, o cão que viera triste e vagaroso apoiar-lhe a cabeça no hombro.

— E este?... Isto é que é um animal! Só lhe falta falar! Desde que me viu hontem doente que não provou raça de nada!...

Distrahiu-se a festejá-lo, erguendo-lhe as patas, coçando-o ao longo da espinha, assediando-lhe o pello, puxando-lhe as orelhas, gritando-lhe e imitando-lhe o ladro para lhe significar que já estava bom.

O velho reitor, esquecida a sua presença, sorria tranquillamente.

— Bem, João, vamos lá tomar o leite que sam horas de partir.

Florinda tinha a justa fama da mais trabalhadeira e linda filha da serra por aquellas leguas em redor. Até se contava que, romaria onde ella fôsse, não precisava de vinho para entontecer e desavir os rapazes. Não era que ella dêsse motivo; bastava, para tanto, que algum homem menos prudente se atrevesse o notar-lhe o rubor sangrento dos labios e a negrura faiscante dos olhos.

Só porque, um dia, n'uma festa de ermida, um fidalgote rodeado da sua aldeia, ousara dizer que um beijo sobre taes olhos valia bem doze moedas, os rapazes castigaram o insulto varrendo o arraial a jogo de pau.

Era a primeira a abrir os cantos de desafio e a preferida nos bailes, quando os ranchos deixavam as danças circulares pelas voltas de par. Os moços da terra, esquecidos de que ella viesse a casar com qualquer delles, adoravam-na como a fonte donde brotavam a alegria e a virtude para toda a mocidade da aldeia.

Mas, assim como era a primeira nos folguedos, nunca cedia o primeiro logar no trabalho. Aos quinze annos, no dia em que o pae lhe morrera, dividiu com a irmã o serviço da casa, escolhendo para si os linhos e as regas. E nunca nas tulhas escasseou o renovo, nem o panno, para a familia, faltou nas velhas arcas de castanho.

Tambem, em começando a apertar os primeiros calores de março, já a Florinda moirejava nas hortas, semeando o linho, os braços do chambre arregaçados e cabellos descobertos, onde o sol enfiava perolas de suor que lucilavam vivas como rubis, ao reflectirem as faces acerejadas do trabalho.

Crescido o linho, para o não maguar, subia a saia curta acima dos joelhos, suspendia-a em volta da cinta com o lenço torcido em fôrma de corda, e assim ia deslisando, com animo e cautela pelas feveras tenras, encaminhando a rega, as pernas nuas, aber-

fôrmas bravias, agigantadas, tinha a valorisar-lhe a figura bella, a sua condição de filho unico, com a legitima a augmentar de anno a anno. Todavia, a Maria Florinda não promettera. «Quería ver o que dizia a mãe e a irmã...»



O IV Congresso Internacional de Turismo — A chegada dos congressistas ao Mont'Estoril

(Phot. de A. C. Lima)

tas, que o viço do linho alto afogava na verdura fresca. O linho assim ia crescendo, amadurando, sob o carinho dos seus olhos

Aguardando resposta, todas as tardes, á hora das *Avé-Marias*, o Agostinho a esperava a uma entrada da aldeia, junto ao cru-



O IV Congresso Internacional de Turismo

Os congressistas em Cascaes. — Aspecto das ornamentações

(Phot. de J. Benoliel)

quentes, por entre os murmurios das regas e das cantigas de amor.

Fôra á volta de regar o linho que o filho de João Marques se fizera encontrado com ella para lhe falar em casamento.

O Agostinho, sendo então um moço cobiçado de rosto moreno,

zeiro, quando ella voltava de deitar as presas, cheirando alegremente aos aromas fortes dos renovos.

— Depois das sortes... dissera-lhe ella uma tarde.

Agostinho reteve-a um momento, amorosamente, pelas extremi-

dades das mãos, procurando saber se esta resposta era um compromisso.

— Mas que disse tua mãe? interrogou enleado e receioso.

ahi a casa de uma *feiticeira*... que nem Florinda nem diabo te torna a lembrar...

E agarravam-lhe os pés, enfiavam-no entre as mantas ar-

## Congresso Internacional da Imprensa realizado em Roma em Maio de 1911



A' frente, no centro, vê-se o presidente, sr. Singer, e no grupo os congressistas portugueses Guedes de Oliveira e esposa, Branco Rodrigues, dr. Antonio Macieira e esposa, e o nosso collega na direcção do «Brasil-Portugal» sr. Jayme Victor

— Depois das sortes... depois das sortes... insistiu Florinda, desprendendo-se e envolvendo-o n'um olhar de sympathia.

As sortes foram dahi a mezes, cabendo, ao Agostinho o numero 1. Para se obter um livramento, a mãe, uma semana antes, deitara-lhe nos olhos uma porção de colorau hespanhol, de modo a provocar a illusão de uma conjunctivite chronica, e o rapaz chegara mesmo a pensar na amputação do indicador direito, mas o João Marques oppozera-se ao surprehende-lo, alta noite, no curral, de machado alçado sobre a mão assente n'um cepo.

«Era até uma vergonha! Haviam de dizer que tinha medo! Se elle queria vendia-se a tapada, mas cortar uma coisa que Deus tinha dado era até um peccado de inferno! E os outros? Não iam tambem, o Francisco da Antonio e o Manuel do Bartholomeu? E os que lá andavam? Ora!... Ora!...»

O Agostinho sentou-se no tóro de carvalho, a soluçar, atirando o machado ao chão.

«Olha agora!— continuou o pae entre reprehensivo e carinhoso. — Se a rapariga casar, casou... E' o que falta por esse mundo a um rapaz como tu...»

Ao meio dia de um domingo, depois de ouvida a missa, á hora que era costume principiarem os bailes e os descantes no adro da Igreja, sentiram-se choros altos em todos os angulos da povoação. Das portas tristes, semi-cerradas, saham mulheres pressurosas, vestidas de preto, a limpar os olhos do pranto por aquelles rapazes que iam partir para Penamacôr a servir o rei.

Homens e mulheres, parentes e estranhos, com o reitor á frente, acompanharam-nos ao alto da aldeia, e ali se sentaram, saudosos e soluçantes, até verem sumir-se na ultima dobra dos montes, os retalhos coloridos das bolsas que os novos soldados conduziam ás costas.

Os primeiros dias de quartel foram horribéis sobretudo para o apaixonado Agostinho. As correias cumpriam-lhe a respiração, enraivecia-o a voz do commando, que lhe media os passos, e o timbre do clarim que o mandava levantar, vestir, perfilar, trabalhar, comer e dormir.

Ao toque da alvorada, os soldados antigos iam apalpar-lhe o travesseiro molhado de chorar, e riam, escarneciam-lhe a sentimentalidade.

— Isso passa-te, menino, isso passa depressa... Levamos-te

rastando-o para o meio da caserna, em hilaridade. Mas o Agostinho desembaraçava-se rapido, derrubando os mais valentes, que



Viscondessa de S. Gyão

(† em 12 de maio de 1911)

Contava noventa annos a illustre senhora que ha pouco morreu em Torres Novas. Com muita magua inserimos n'esta pagina o retrato da boa velhinha que foi um modelo de raras virtudes. Teve uma longa vida suave e suavemente se extinguiu. A viscondessa de S. Gyão, natural da aldeia das Lapas, era viuva do visconde do mesmo titulo, fallecido ha cerca de vinte annos, e mãe do actual visconde de S. Gyão, proprietario abastado da região, que na direcção d'esta revista conta amigos dedicados.

A' familia consternada envia o «Brasil-Portugal» a expressão do seu pesar, e presta a ultima homenagem á memoria da morta illustre, depondo sobre a sua sepultura uma palavra de saudade.

Durma em paz.

cahiam diante dos seus punhos cerrados e duros como cepas de torga serrana.

— Peludo! galucho! bruto!...

De todas as tarimbas se puxavam ferros em defeza contra um lobo indomável.

Por fim, tudo se aquietava á voz do primeiro superior que intervisse.

Agostinho ia desanimando. Chegou a offerecer, ingenuamente,

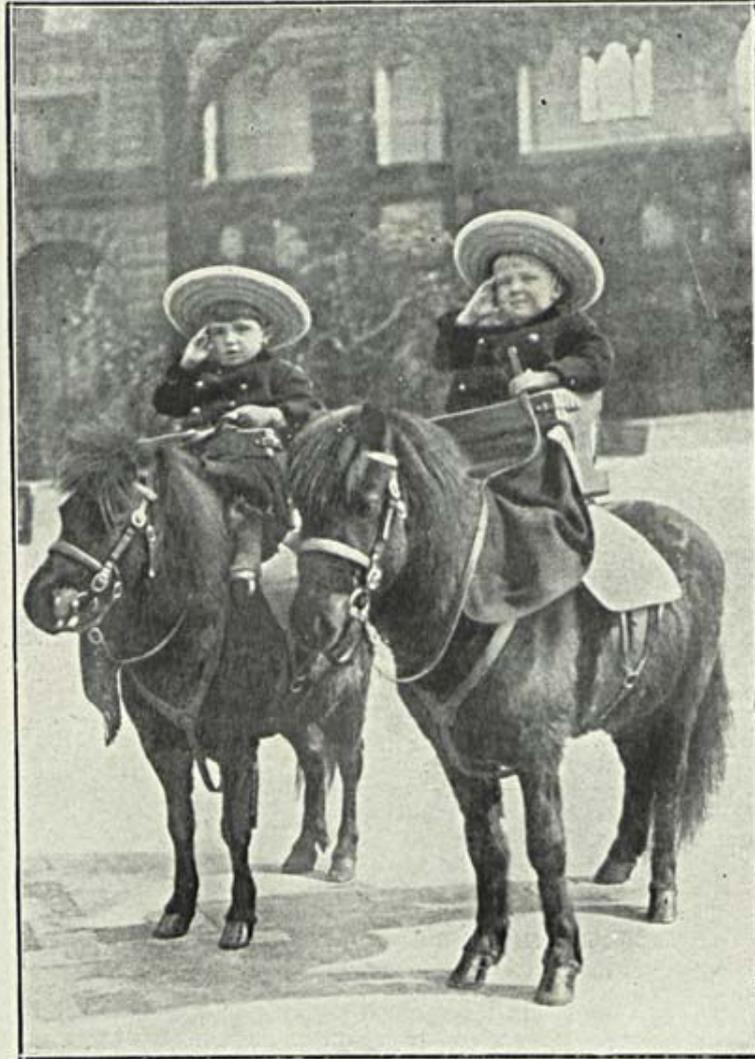
perdidos nas aguas do mar e pelos que morriam á mingua nos hospitaes, a doença do Agostinho só podia ser uma calamidade.

— Só a mim!... só a mim!... — lastimava a mãe — De tantos rapazes que tem ido daqui para Penamacôr, só elle cahiu no hospital!...

Todos buscaram, inutilmente, uma palavra de consolação.

— E quem o havia de dizer, — admirou, com pena, uma velhota — Um cachopo daquelles, tam bello e desempenado!

## Familia Real Hespanhola



*O infante D. Jayme e o príncipe das Asturias, a cavallo, fazendo a continencia a sua mãe a rainha D. Victoria*

ao sargento, um carneiro merino e duas moedas se o deixasse escalar, depois do recolher, o muro da cerca.

As primeiras cartas eram desalentadoras. Por duas vezes o pae falara em vender a tapada para ir metter o dinheiro. Porém as cartas começaram a rarear, suspenderam-se por muito tempo, até que um dia surgiu uma explicando a falta de noticias com viagens e uma doença no hospital. Já sabia ler e era o barbeiro da companhia, o que lhe permitia coalhar o seu vintem. As visitas para a Maria Florinda e «para quem por elle perguntasse» é que, pela primeira vez faltaram.

O velho padre que era o leitor unico de toda a correspondencia da freguezia, deixara pender o labio triste e pensativo sobre aquella carta, cujo aroma medicamentoso o atemorizava religiosamente.

Do grupo dos destinatarios que, para ouvirem ler as suas cartas, se tinham reunido, á chegada do carteiro, no balcão do presbyterio, trocaram-se olhares de estranhese e receio. Para aquella gente que todas as noites, á hora da ceia, resava pelos que andavam

— Então!... murmurou outra serrando os olhos e encolhendo os hombros em signal de resignação,

— Ninguem sabe pró que está guardado...

— E' verdade... é verdade...

E as phrases compassivas succediam se; enquanto o bondoso reitor, aprehensivo, ia entregando as cartas já lidas.

— Bem, agora o que lá vae, lá vae... — aconselhou despedindo-os e sumindo-se bruscamente no presbyterio.

Atirou-se sobre a cadeira larga a meditar naquelle caso melindroso. Na sua lembrança, nunca um moço da terra cahira no hospital sem ser com doença de morte.

Oitenta tinha elle sem apertar um dia a cabeça.

O piedoso sacerdote que filia na culpa original todas as enfermidades dos seus parochianos, só explicava aquella doença por um castigo terreno de peccado mortal. Era parochio daquela freguezia ha quarenta annos, tinha atravessado os typhos e as bexigas, e nunca um caso assim lhe aborrecera o pensamento. Mortificava-se como o pastor, velho e cuidadoso, que, pela primeira vez,

descobre, n'uma cabeça da peiara, a primeira ferida da ronha. Alarmava-se como um higienista moderno sem meios prophylaticos para fazer frente a uma peste desconhecida.

— Raio da tropa! exclamou batendo na mesa o punho nodoso — Malditas guerras!

Levantou-se da cadeira, vindo á janella para affastar aquelle peso do coração.

Nesse momento vinha-lhe subindo a escada um vulto gracioso e senhoril de mulher nova, apertada, com elegancia, n'um vestido azul escuro, arrendado, que bem destoava do traço grosseiro e imutavel da região.

— Oh! oh! . . . Senhoras cá na terra!

Foi abrir apressadamente.

— V. Ex.<sup>a</sup> desculpe — começou o bom velho, offerecendo-lhe

— Nem eu o esperava! . . . Ha que annos isso lá vae! . . . Eu tambem se o encontrasse não o conhecia . . .

Olharam-se mais, anciosamente, approximando os rostos.

— Sim, eu ha muitos annos que não vou á cidade . . . desculpou-se, já envergonhado.

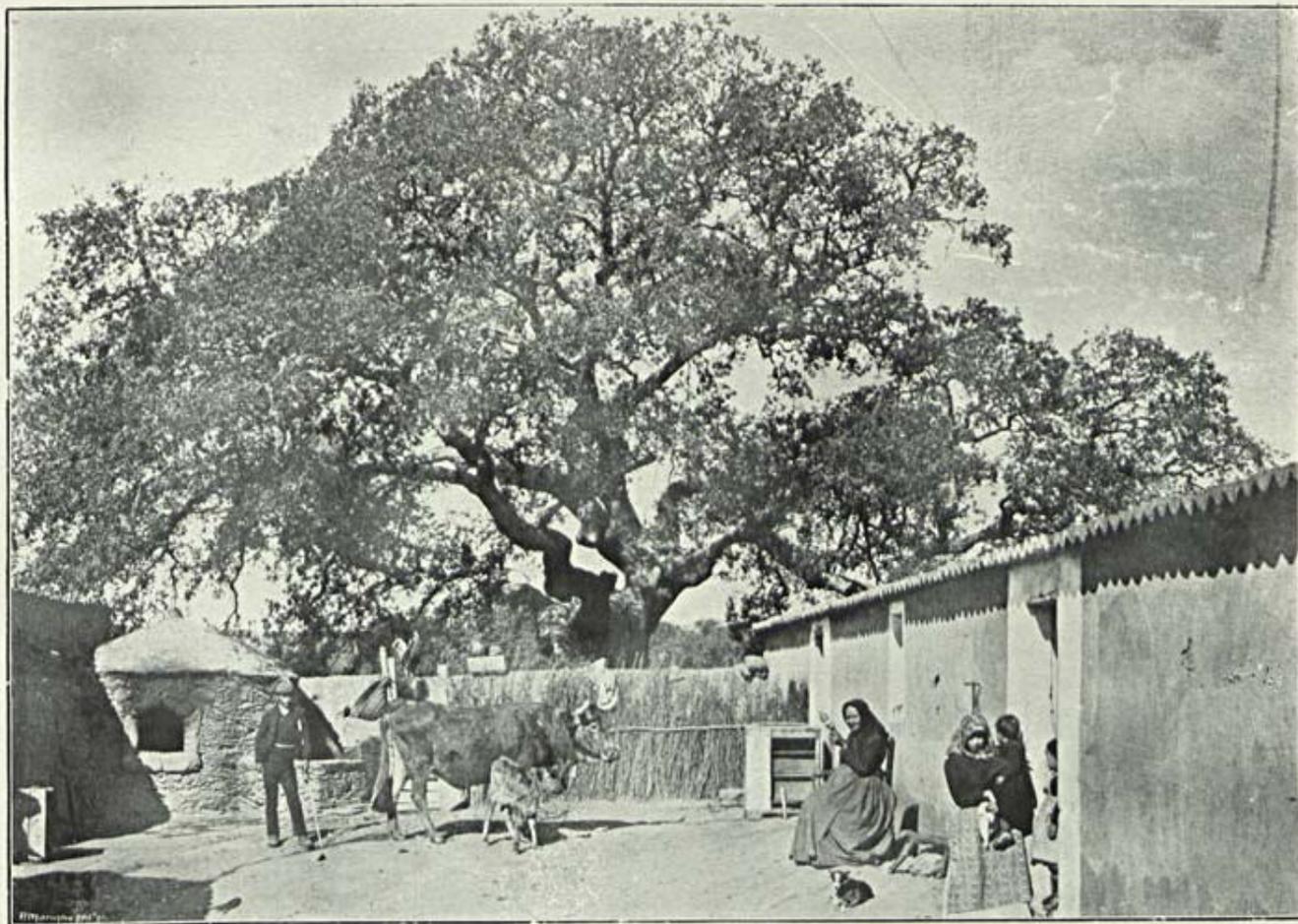
Mas rapidamente a desconhecida lançou a mão a um pequeno retrato de creança, dependurado sobre a mesa, ao lado do oratorio, e abrindo uma pequena carteira de viagem, comparou-o com outro igual:

— Ah! Ainda bem! . . . — murmurou commovidamente — vejo que ainda me não esqueceu! . . .

E beijou, estremecidamente, cahindo de joelhos, as mãos rugosas do velho reitor.

— Mas . . . mas . . . minha senhora . . . Tu és? . . .

## NÔ BAIXÔ ALEMTEJÔ



O casal d'um lavrador

uma negra cadeira de pinho — Isto é uma casa que só tem fumo e velhice . . .

— Sam sempre lindas as casas onde ha luz e bondade . . . cumprimentou a visitante, n'uma voz doce e perturbada.

— Luz ha por cá muita, mas bondade, minha senhora . . . — Desviou os olhos, modestamente, para o crucifixo do oratorio — Mas sente-se, esteja á vontade . . .

— Muito obrigada! o calor e o pó da viagem incommodam tanto! Visto dar-me licença . . .

Levou á cabeça as mãos finas e tremulas, a desprender um veu branco que lhe envolvia os cabellos e a garganta, deixando ver o lindo rosto oval onde uns olhos pretos, levemente azulados, pareciam esfumar a alvura com a sombra de pensamentos tristes.

O bom velho mal a olhava, ainda tomado da surpresa.

— Vejo que já se não lembra de mim? . . . perguntou a visitante com graciosa melancholia.

O padre Januario fez um esforço visual, procurando ver-lhe bem o rosto illuminado.

Cahi gaguejando, suffocado de commoção, sobre a larga cadeira de castanho. Uma alegria estuante trouxe-lhe ás fontes, em fervidos cachões, todo o fogo do seu sangue generoso. A visitante, curvada agora entre os seus joelhos tremulos de ventura, parecia uma creança meiga a quem elle beijava os dedos e os cabellos.

— És tu, Rosalia?! . . .

Demoraram longo tempo, abraçados, a soluçar.

Depois ergueu-a do soalho até aos olhos, inclinou-lhe, no hombro, a cabeça encantadora, deitando-lhe a sua velha face por cima, como lhe fazia, em pequenina, para a adormecer.

— Oh! Rosalia! . . . minha filha! . . . minha pequenina! . . .

Estreitava-a paternalmente, com loucura, a lembrar-se de um passado distante . . .

Recordava a gelida manhã de neve em que a encontrara engeitada, roxinha de frio, nas escadas do campanario, quando, ao romper de alva, ia tocar o sino para a oração, os carinhos de trez annos, os mais bellos e santos da sua vida, e a hospedagem do engenheiro do Porto que passara por ali a traçar a estrada, e

que, por não ter filhos, lha pedira para a tornar feliz, deixando-lhe, como lembrança, um pequeno retrato.

Nunca mais pudera saber d'ella...

A' hora da morte, um fidalgo que em confissão lhe revelara a paternidade, accusara-o de lhe ter extraviado a filha — de lha haver perdido!...

E desde então elle sentia um grande remorso a augmentar-lhe o peso da saudade e dos annos.

— Agora, Rosalia — disse-lhe infantilmente, já mais calmo, erguendo-lhe a cabeça do hombro — agora é que era morrer...

— Assim lhe trouxe o desejo da morte?... perguntou ella sorrindo com os olhos banhados de lagrimas doces.

— Oh! não, minha filha... Tu bem vês como estou contente...

Tirou do bolso o lenço para lhe enxugar os olhos, e sentou-a a seu lado, na mesma cadeira larga, como lhe fazia, em pequenina,

Ascensão, quando se cantava a *Hora*, ao pensar no teu destino, as flores que o povo me deitava na cabeça pesavam-me no coração como folhas de chumbo!...

Deteve-se cansado, esgotado de tanta emoção.

Para o coração de Rosalia virgem de intimos affectos, a voz daquelle velhinho era a musica suavissima de um alto sentimento ignorado.

— Mas, é verdade, ainda me não contaste a tua vida, minha filha? O engenheiro? A mulher? Porque não responderam ás minhas cartas?

Rosalia contou breve a sua curta historia.

Sua mãe adoptiva morrera cedo, e o engenheiro partira para a America, entregando-a num asylo, onde, depois de attingir a idade da sahida, ficara como ajudante da mestra de costura. O mysterio da sua origem, incompletamente revelado n'uma carta do enge-

## RIO DE JANEIRO



Canto da rua Paysandu e avenida Beira-Mar

quando resava as *Horas canonicas*. Depois tomou, desvanecidamente, nas suas, as mãos finas e brancas de Rosalia:

— Quantas vezes eu tenho sonhado com estes dedos para me cerrarem os olhos! Mas não te imaginava assim já crescida... Via-te sempre creança, como n'um dia da Ascensão, vae para dezeseite annos, na vespera de me deixares... Queres que te conte?

— Conte, conte muito, conte tudo...

O reitor abriu o Breviario em quinta feira da Ascensão, mostrando-lhe uma estampa rasgada:

— Sabes quem foi? Tu estavas, como agora, sentada a meu lado, nesta mesma cadeira, a galrejar, enquanto eu, afogado de dor, mal pronunciava o latim... Traquinavas, rias, puxavas-me os cabellos, batiás-me, querias que brincasse... E eu sentia, a cada versiculo da resa, crescer-me a agua nos olhos e o coração a engrossar-me no peito... De repente, já zangada, lançaste a mãosita ao Breviario, rasgando-lhe esta estampa. Nunca a quiz collar... Era uma lembrança tua — a unica... E nos dias da

nheiro e naquelle pequeno retrato, attrahia-a para o homem que generosamente a recolhera. Logo que encontrou uma familia séria com quem viesse, despediu-se do Porto, que mal conhecia, e veio para aquella aldeia ganhar a vida, trabalhar, lembrada de que os seus serviços lá seriam precisos.

— E fizeste bem, minha filha. Se tu soubesses quanto a tua vinda consola a alma de um pobre velho!

Beijou-a estremecidamente com os olhos já enxutos, consolados de chorar, erguendo-se, depois, a abrir a janella, como se quizesse soltar parte daquella felicidade que já não cabia no presbyterio.

Em frente da casa, attrahida pela novidade da visitante, via-se apinhada uma multidão de parochianos, engrossada, a cada momento, por gente que surgia, açodada, de todas as boccas das ruas.

O velho reitor só pôde gritar-lhe, alegrissimo como uma creança:

— E' a Rosalia!... voltou a minha Rosalia!..., correndo a

escancarar as portas, para que entrassem a partilhar da sua alegria.

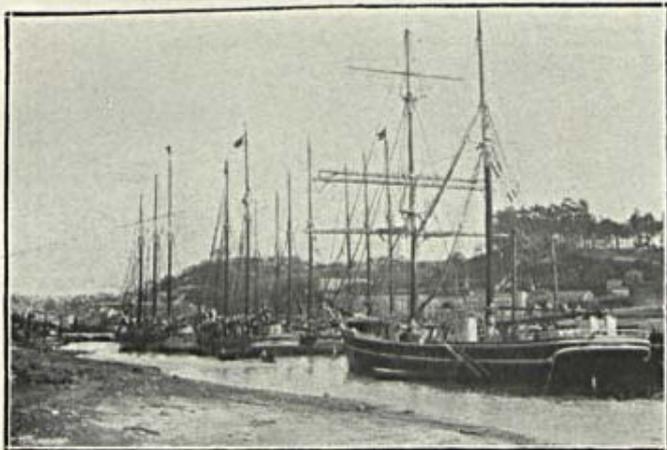
E todo o povo invadiu o presbyterio, saúdado pela linda bocca de Rosalia, que, vencendo o cansaço da viagem e a pallidez da commoção, a todos agradecia, tirando, n'um gesto dóce, as creancinhas dos collos das mães para as beijar.

— Muito obrigada... muito obrigada...

Sorria a todos melancolicamente, affectuosamente.

As visinhas lembravam-lhe traquinices, as fructas que preferia em creança, um dito, um grecejo; os velhos jornalheiros gloriavam-se de a terem erguido nos braços para colher as primeiras flores que a primavera trazia aos pecegueiros do passal, e os moços, tímidos e deslumbrados, entravam e sahiam de chapeu na mão, como no dia de festa, ao passarem em frente dos andores expostos na Igreja.

## A pesca do bacalhau



*A flotilha que ha dias partiu para os bancos da Terra Nova, fundeada em Massarellas*

— Parece mesmo a Senhora das Dores! — segredavam abysmados na sua melancolica belleza.

E o velho reitor que surprehendera o elogio, sorria envaidecido, notando tambem a semelhança.

Nesse mesmo dia ficou assente que Rosalia teria uma casa, na aldeia, para costurar.

Ao romper da madrugada seguinte, o padre Januario sentia-se mais fresco, sadio e lesto, com vinte annos a menos.

Emquanto Rosalia não acordava, lembrou-se de ir colher ao passal, a fructa para o almoço, sahindo cautelosamente, nas pontas dos sapatos grossos, brochodos, para a não despertar.

A manhã estava fluida, sem poeiras, que a orvalhada abatera, e o sol, refrescando-se nas aguas das regas e nas verduras extensas dos renovos, illuminava todo o campo sobre o qual esvoaçavam bandos famintos de aves queixosas que o latão rufado e o praguejar ruidoso dos guardadores afugentavam de milharal em milharal, sem lhes deixar pousar o bico n'uma espiga.

A' sahida do povoado, avistou o pae do Agostinho, evitando-o para lhe não dizer a desgraça que pensara ao ler a ultima carta do filho.

«Oxalá eu me enganasse...»

Desviou-se, seguindo por uma vereda, a encurtar caminho para o passal que ainda ficava longe.

«Pobre Maria Florinda...» continuou meditativo.

Lembrou-se, então, que era forçoso passar junto ao milharal da filha da Florencia.

«Se ella o via? Que lhe havia de dizer? Se tivesse a certeza...»

Ao dobrar um pequeno monte, avistou-a sentada a fiar no alto de uma rocha que dominava o milho, já de espiga loira, pendida, a amadurar.

Em volta della, os passaros, corridos dos milharaes visinhos, pousavam incessantemente, confiados e contentes, a almoçar empoleirados nas hastes tremulas.

«O paraizo dos milheiros!...» exclamou risonho e enternecido.

Era assim que na aldeia chamavam ao milharal da Florinda. Ella sabia-o e não se zangava, explicando e justificando mesmo o seu descuido.

Um anno viera-lhe cahir aos pés, no rego da agua, um pintasilgo com uma aza quebrada pela funda de uma seara proxima. Lavara-o, curara-o, e por ali ficou domesticado familiarizando as outras aves. Quando foram os ceifadores, o milho estava no meio.

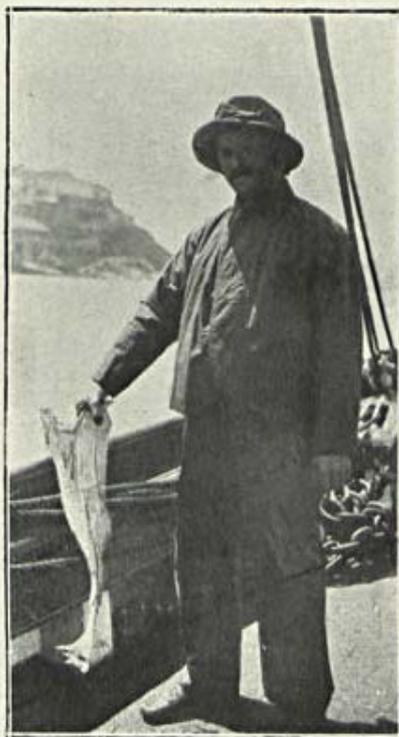
E assim acontecia em todos os annos. Fôsse ella agora expulsar os passarinhos que ainda tinham filhos novos e que andavam um dia todo esvoaçando, de bico aberto, cansados, a piar de fome, por cima dos outros milharaes!...

Para evitar o prejuizo, a mãe lembrou-se de erguer um espantalho, no meio da propriedade, figurando uma mulher de braços estendidos, ameaçadores; mas Florinda, mal chegava de manhã, atava o seu lenço branco na cabeça do mono, e logo as aves baixavam confiadas, a matar a fome, sobre as espigas.

Tambem, ao chegar a feira de S. Francisco, compensava vantajosamente, em linho fiado, a baixa que os seus amigos davam á arca do milho.

O velho sacerdote, occultando-se com a parede alta que vedava o terreno, debruçou-se para a ver fiar com cuidado.

A' roda della continuavam pousando pintasilgos e milheiros, e,



*A pesca do bacalhau  
O commandante da flotilha*

*(Phot. de C. P. Cardoso — Foç do Douro)*

muito alto, passava, num sibilante ruflar, uma nuvem de aves brancas.

Maria Florinda ergueu os olhos para ellas, cantando baixo e triste:

*Tanto passarinho branco  
Que vem de Penamacôr!...  
Tudo cuido que sam cartas  
Que me manda o meu amor...*

«Se soubesse que já nem se lembra della...» pensou o bondoso velho.

E continuou o caminho, perpassando occulto, ao longo da parede, na pressa de voltar ao presbyterio a surprehender Rosalia com os fructos das arvores que elle plantara quando a trazia pela mão, em pequenina.

PADRE ALVARES D'ALMEIDA.

## THEATROS

## THEATRO DA REPUBLICA



No Jardim de Inverno — A companhia hespanhola de zarzuela

## THEATROS

**Republica.** — Companhia de Zarzuela — Variedades. — *Pó de Perlimpimpim* — Revista em 2 actos, original de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e André Brun, musica de Fortée Rebello — **Colyseu dos Recreios.** — Companhia de Opera italiana.

Um successo equal, se não superior ao dos annos anteriores, tem obtido a excellente companhia de zarzuela que actualmente está trabalhando no **Republica**, dirigida pelos apreciados e muito nossos conhecidos primeiros actores comicos Julio Nadal e Emilio Latorre e de que fazem tambem parte a graciosissima tiple Pilar Marti e a caracteristica Dolores Cortés, dois elementos de primeiro quilate no genero, que todos os annos nos visitam, e a quem devem excellentes interpretações a grande maioria dos auctores do paiz visinho. Uma nova artista, muito apreciavel tambem, dispondo de voz e desenvolta, qualidades indispensaveis para o genero, figura este anno no elenco; referimo-nos á tiple E. Marin, que tem com justiça compartilhado dos applausos tributados noites a fio aos principaes artistas. E' um bello elemento que estamos certos o publico não dispensará em épocas futuras, pois é fóra de dúvida que lhe cahiu em agrado. Vem a companhia reforçada com um excellente corpo coral e uma admiravel *pareja* de baile, que tambem tem sido optimamente recebida.

O repertorio é vastissimo, tanto em peças antigas como modernas, tendo entre estas feito successo a *Córie de Faraon* e *Conde de Luxemburgo*, que actualmente se representam em toda a Hespanha com collossal successo, e que entre nós venceram em toda a linha, emparceirando condignamente com as mais festejadas do antigo repertorio, como *Alma de Dios*, *Pobre Valbuena*, *Revoltosa*, *Puñao de Rosas*, *Picaros Celos*, *Mayo Florido*, *Alegria de la Huerta*, *Trebol*, que este anno tem sido superiormente desempenhadas. Para breve promettem-nos mais novidades que com interesse aguardamos.

— *Pó de Perlimpimpim*... é mais uma revista cheia de verve, devida á pena dos tres afamados revisteiros Ernesto Rodrigues, André Brun e Felix Bermudes; e nada mais é preciso accrescentar, pois os nomes citados são garantia de sobejo para avaliar do primor da peça que deve fazer longa carreira, tanto mais que o desempenho está a cargo de artistas dos nossos theatros no genero, como Raphaela Fons, Pepita d'Abreu, Palmyra Ferreira, Isabel Pacheco, Emilia Romo e Alvaro Cabral, Alfredo Ruas, Santos Mello e Julio Alves.

O luxuoso guarda-roupa é de Castello Branco e o scenario que tambem é vistoso, de Eduardo Reis, Salvador e Julio Machado.

A musica de Fortée Rebello ouve-se com muito agrado, pois é de facil percepção.

— No **Colyseu** continuam Maria Galvany e Paganelli a attrahir enchentes collossaes, tendo tido superior desempenho o *Rigoletto*, *Madame Butterfly*, *Sonnambula* e *Traviata*, sendo para lamentar que terminem breve os espectaculos d'esta Companhia, pois o nosso publico



Theatro da Republica

As tiples da companhia hespanhola de zarzuela

(Phot. de J. Bonotiel)

amador de musica tem tido noites deliciosas, porque o conjunto tem sido o mais harmonioso possivel.

— Pelos outros theatros nada mais ha digno de menção, pois têm-se limitado a passar em revista as peças de maior exito do seu repertorio.

Ruv.